

VETERANOS E VIGILANTES: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DA REGIÃO CACAUEIRA - UM RECORTE HISTORIOGRAFICO

SANTOS, Claudney Silva dos

E-mail: claudney21@hotmail.com

Novas perspectivas historiográficas

É lugar comum na historiografia militar, abordagens memorialistas e monumentalistas, sobre: táticas, campanhas, batalhas e biografias de generais e comandantes, no entanto ao buscar como objeto de pesquisa novos personagens, que vivenciaram em seus cotidianos, conflitos e arranjos, que modificaram suas vidas e suas maneiras de interação com a sociedade, venho buscar uma nova abordagem sobre a temática. É nesta perspectiva de “nova historia militar”¹ que proponho analisar a Formação da Associação dos Ex-combatentes da Secção da Região Cacaueira.

Com efeito, a produção historiográfica sobre os Ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, pode ser vista em Três Fases² que, integradas aos seus contextos, indicam recortes deferentes sobre o tema. Estas obras são relevantes e cabe citá-las. Na primeira fase (de 1946 a 1964) os livros destacando-se obras que buscam relatos e narrativas de ex-combatentes como a obra de Carlos de Meira Mattos: O marechal Mascarenhas de Moraes e sua época, que escreveu as memórias do general, em sua vida militar, destacando sua participação no comando da Força Expedicionária Brasileira. A coletânea: Depoimentos de oficiais da reserva que foi escrito por veteranos da guerra; o livro A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial, do General Antonio de Carvalho, e a obra de Manoel Thomaz Castelo Branco, O Brasil na Segunda Grande Guerra. Estas obras buscavam uma história total sobre os diversos aspectos da FEB (recrutamento, transporte para Itália, confrontos e retorno) e em biografias, ressaltam os dilemas vividos no front. Contudo o soldado é apresentado como uma estatística, números de

¹ Relacionamento da interação das ações militares aos fatores econômicos, políticos, e culturais onde oficiais e soldados estão emersos. Esta construção historiográfica surgiu em nos EUA no começo do século XX e que vem sendo reelaborada no Brasil a partir da década de 1990, com a redemocratização política. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

² OLIVEIRA, Dennison de. *A Força Expedicionária na História e na Historiografia*. I Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira. UFRJ, 2009.

um acontecimento dramático, nestas obras são recorrentes a valorização da estrutura política para responder as necessidades da guerra e do próprio jogo de poder dentro do exército. Nesta perspectiva historiográfica meu objeto de pesquisa não ganha eco frente às recordações de oficiais e conjunturas políticas nacionalizantes, uma vez que tal abordagem privilegiava o episódico e o particular, aproximando-se de uma historiografia militar entrelaçada a história política tradicional.³ Neste tocante vale perceber que esta produção estava sendo realizada nas casernas e muitas vezes por particulares civis.

Na segunda fase (período da ditadura militar) o marechal Floriano de Lima Brayner, chefe do Estado Maior da FEB, deu sua versão em *A Verdade Sobre a FEB* (Civilização Brasileira, 1968). Seu livro é uma crítica audaciosa, explicitando uma fragmentação ideológica e política dentro da alta cúpula do Exército, em plena ditadura militar. Este livro segundo o Dr. Dennison de Oliveira (2001), docente da Universidade Federal do Paraná, foi banido da Bibliex e constitui-se em um dos documentos mais raros para consulta. Outro livro de importância no período, destacou-se por mostrar uma versão econômica para a participação do Brasil na Segunda Guerra, foi a obra do General Otávio Costa, publicado em 1975. Estas obras, ainda indicavam a supremacia econômica sobre o político e conseqüentemente não ressaltam a influência dos aspectos culturais, nas relações dos expedicionários e sua recente vida militar, tais obras também são marcadas pela inexistência de pessoas simples que compuseram a FEB.

Na terceira fase, a redemocratização, tem uma importante significado, não apenas para o estudo da FEB, que até a década de 1980 ficou exclusivamente a cargo de pesquisadores militares, como de toda representatividade militar na história política do país. Neste contexto novas concepções historiográficas também devem ser mencionadas como formador de novos horizontes para a historiografia militar, como a Nova História Social, Nova história política, a história vista de baixo, a micro-história... Neste contexto minha pesquisa encontra base teórica para aprofundar análises além de encontrar voz em meio às tantas produções sobre a temática.

As discussões sobre FEB vêm ganhado vulto e importância no meio acadêmico em todo o país, fator que nos leva a pensar a própria formação do Exército enquanto instituição forte e centralizadora do poder político. Neste tocante Franck McCann, autor de *Soldados da Pátria* (2007), remonta esta trajetória com um recorte de 1889 a 1937

³ FERREIRA, Marieta de Moraes. *A Nova "Velha História": o Retorno da História Política*. Estudos históricos. Vol. 5, nº 10. Rio de Janeiro. 1992.

cuja contribuição indica quão integrados à política o exército tornou-se e como deixou sua condição de “guarda pretoriana”⁴. De acordo com McCann⁵ tal fato pode ser observado na militarização do Nordeste Brasileiro e na imposição de interventores mais rígidos e fieis as causas militares. Esta percepção de McCann indica um exército cuja dinâmica própria voltava-se para uma estruturação da instituição, ainda marcada pelo movimento tenentista.

O panorama histórico sobre a formação da FEB pode ser observada nas obras supracitadas como o Marechal Mascarenhas de Moraes, no entanto vale a pena realçar a obra: FEB doze anos depois, do Major Elber de Mello Henriques, cuja crítica ao recrutamento é ponto forte de sua narrativa, uma vez que o major destaca a desigualdade social e o perfil dos febianos selecionados pelo exercito

“infelizmente, o entusiasmo guerreiro das ruas não tomou o caminho dos quartéis. Foi inexistente o voluntariado. Os apelos das autoridades militares, chamando para as fileiras da tropa expedicionária a todos os homens aptos, ficaram sem eco entre as elites mais expressivas. Oradores de comícios de véspera, chamados à incorporação alegaram, ao apresentar-se que se achavam amparados por dispositivos legais que isentavam de servir ao exército. E assim a força expedicionária brasileira teve de ser organizada com a juventude pobre do Brasil”⁶

José Murilo de Carvalho (2005), em Forças Armadas e Política no Brasil destacou-se na historiografia militar por fazer uma abordagem que revela a interação do exército com o agir político e social do Brasil. Esta proposta de nova historia militar, também percebida e compilada na obra Nova História Militar Brasileira (2004), organizada por Celso Castro, Vitor Izecksohn e Hendrik Kraay apresenta-se como forte referencial, buscando em cada capítulo a valorização do cotidiano, da sexualidade, da interação cultural, dos dramas pessoais de atores que até então eram ofuscados pelas estrelas das patentes consagradas como elite, em meio a uma categoria composta esmagadoramente de pessoas simples, de baixo poder aquisitivo. Nesta conjuntura a busca por estudos sobre a FEB ganhou espaço nacional e a fragmentação de objetos de pesquisa, foi redimensionada, aparecendo não apenas as antigas “exposições” de

⁴ Condição de muleta que apenas apoiava a República Oligárquica. MCCANN, Frank D. *Soldados da Pátria: história do exercito brasileiro, 1889-1937*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁵ MCCANN, Frank D. *Soldados da Pátria: história do exercito brasileiro, 1889-1937*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 706p.

⁶ HENRIQUES, Major Elber de Mello. *A FEB doze anos depois*. Rio de Janeiro: Bibliex. 1959.

memórias, mas também análises mnemônicas mais aprimoradas através de técnicas da história oral, análise de correspondências, recorrendo a análise do discurso; análises de imagens, como postais, fotos, propagandas, jornais... Um infindável manancial de fontes e métodos que desde a década de 1990 vêm sendo utilizado por pesquisadores como o doutor em história pela USP, Francisco César Ferraz, autor de livros, artigos e capítulos sobre a temática. Em sua tese de doutorado defendida na USP sob o título: A Guerra que não acabou: a reintegração dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira, 1944-2000, Ferraz fez uma análise minuciosa da legislação dos Ex-combatentes e tornou-se um dos pioneiros em perceber as suas Associações como elemento de luta e identidade social de um grupo que apesar das décadas, ainda têm forças para lutar pela preservação de suas memórias. Entre os pesquisadores recentes, todos ligados a instituições acadêmicas, destacam-se também o Doutor Cesar Campiani Maximiano, cuja tese: Trincheiras da Memória: Brasileiros na Campanha da Itália, 1944-1945, 2004, defendida na Universidade de São Paulo, ampliou o campo de análise indo além das memórias pessoais, de guerra, intercalando-as às fontes inéditas de ex-pracinhas e oficiais da FEB como: diários, correspondências não oficiais...

Segue-se a esta tendência historiográfica um debate a cerca do próprio conceito de Ex-combatente⁷ ainda entrelaçado a padrões oficiais, e fortemente questionado pela comunidade acadêmica e Associações, sendo que estes últimos estão polemizando o conceito com divergências entre “veteranos” (aqueles que foram para o front na Europa) e “praiiros”.⁸ Este debate abrange o as associações de ex-combatentes, lócus político de reivindicações onde se articula o social e sua representação. Neste tocante percebo os associados como um grupo cuja representatividade política engendra apoios e concessões, onde a experiência coletiva se enraíza e se reflete, dentro deste jogo de poder o debate a respeito do conceito de ex-combatente rompe a barreira semântica, pois imbrica em uma série de valorização e reconhecimento materiais e imateriais, surgindo neste espaço um conflito interno entre os veteranos (considerados pela Legislação como febianos e verdadeiros atores dos teatros bélicos) e os ex-combatentes (percebidos em termos gerais como atores que não participaram da guerra e de seus

⁷ ART. 1º - “Considera-se ex-combatente, para efeito da aplicação do ART.178, da Constituição do Brasil, todo aquele que tenha participado efetivamente de operações bélicas, na Segunda Guerra Mundial, como integrante da Força do Exército, da Força Expedicionária Brasileira, da Força Aérea Brasileira, da Marinha de Guerra e da Marinha Mercante, e que, no caso de militar, haja sido licenciado do serviço ativo e com isso retornado à vida civil definitivamente.” (LEI Nº 5.315 de 12 de setembro de 1967).

⁸ Designação jocosa ao contingente, que quatro vezes maior que o da FEB⁸, ficou fazendo a defesa do litoral brasileiro. In: CARVALHO, Virginia Mercês Guimarães. As guerras do Brasil. UFPE. 2009.

esforços, seriam atores secundários). Tal conflito é o objeto de estudo a ser aprofundado em minha pesquisa. Meu objetivo é analisar em que medidas divisões internas enfraqueceu ou não, o grupo, bem como os benefícios legais contraídos pelas Associações ao congregar febianos e “praiheiros”.

Este ator, dito acima com praiheiro, foi o combatente responsável pela Vigilância do Litoral Brasileiro, que até então não aparece na nova historiografia da FEB, , desperta-me um interesse particular, pois sua representatividade não é citada nas obras elencadas a cima, doravante a legislação do Ex-combatente abraçou a causa dos febianos, deixando nas trincheiras do abandono os aproximadamente cem mil vigilantes do litoral, , em detrimento daqueles que foram para a Itália, mas que igualmente aos irmãos de armas que ficaram no Brasil, vieram das camadas pobres da sociedade.

As obras sobre os ex-combatentes serão de grande valor, pois indicam métodos, fontes e perspectivas de trabalho bastante amplo, de maneira que trabalhos com os de Cesar Campiani Maximiano, Celso Castro, Francisco César Ferraz e Franck McCann despontam como obras inovadoras ao pensarem os soldados em interação com a corporação militar e com a sociedade em que viviam, combinando aspectos interdisciplinares como a prosoprografia, imaginário político, surgimento de mitos, em uma dinâmica que cada vez fragmenta os objetos de estudo.

Desta maneira torna-se relevante para minha pesquisa a pluralidade de memórias, representações e técnicas, da nova história militar, que ainda sofre preconceitos no meio acadêmico. Devido à desconfiança, que ainda nos relacionam à velha história militar e a história política tradicional a qual a historiografia militar esteve entrelaçada, a exemplo da utilização de conceitos ultrapassados como fora utilizado por Carl Von Clausewitz (teórico militar prussiano): “Guerra é a continuação da política por outros meios”. No entanto esta desconfiança, pautada na repetição de métodos da história militar tradicional, acabou ignorando os movimentos da nova concepção histórica que desde o começo do século XX vêm apresentado modificações tal qual sinaliza o, historiador militar norte americano John Keegan⁹, que percebe a história militar integrante de um conjunto cultural e imerso em todas as articulações sociais, não apenas no contexto político.

⁹ **KEEGAN**, John. Uma história da guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 442p

